

Amizade e a virtualização das relações humanas na sociedade contemporânea: reflexões a partir de Zygmunt Bauman

RAFAEL BIANCHI SILVA*

ALONSO BEZERRA DE CARVALHO**

Resumo: Este artigo faz uma análise dos vínculos humanos no contexto da sociedade contemporânea a partir da obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Tomando como ponto de partida a ligação da amizade e o processo de virtualização relacional movido pelo desenvolvimento de novas tecnologias, observou-se a ocorrência no mundo atual de um empobrecimento afetivo-relacional. Como alternativa a este, defende-se o exercício de construção e manutenção de laços densos que conferem alternativa ao modelo vincular de satisfação urgente e momentânea, marca do tempo presente. Por fim, indica-se que o debate da amizade implica necessariamente na problematização da ética contemporânea o que fornecerá as bases para a construção de uma nova política afetiva.

Palavras-chave: Amizade; Contemporaneidade; Zygmunt Bauman.

Friendship and human relations virtualization in contemporary society: reflections from Zygmunt Bauman

Abstract: This article analyzes the human bonds in the context of contemporary society from the work of the polish sociologist Zygmunt Bauman. Taking as starting point the bond of friendship and relational virtualization process motivated by the development of new technologies, it was observed the occurrence in the present world an affective-relational impoverishment. As an alternative to this, it is argued the exercise of building and maintenance of dense bonds that provide an alternative to the bind model of momentary satisfaction, this time marks. Finally, it is indicated that the discussion of friendship necessarily imply on the problematization of contemporary ethics which will provide the foundation for building a new affective political.

Key words: Friendship; Contemporary Society; Zygmunt Bauman.



* **RAFAEL BIANCHI SILVA** é Doutor em Educação (Unesp/Marília). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPI/UEM) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).



** **ALONSO BEZERRA DE CARVALHO** é Doutor em Educação (USP) e Livre-Docente em Didática (Unesp). Docente do Departamento de Educação da Unesp/Assis e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp/Marília. E-mail: alonsoprofessor@yahoo.com.br

1. Introdução

Em diversas passagens em sua obra, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman faz uma análise acerca da formação e do modo vivente humano na contemporaneidade, marcada por mudanças no sentido societário caracterizadas muito mais pela fluidez do que pela estabilidade. A necessária rapidez de acesso, obtenção e utilização de bens, levada à dimensão das relações humanas, pode ter como consequência o medo, como também a apatia em relação ao outro. Tal contexto termina por colocar em marcha a transformação do homem em objeto de consumo.

Sendo números e preços, os indivíduos são movidos por uma relação de custo-benefício. Assim, nesse contexto, não é possível uma verdadeira “relação” entre os sujeitos, já que esta é mediada por valores de mercado que não levam em conta, necessariamente, os laços entre os homens em sua pluralidade.

Nesse contexto, o que se entende comumente por relações humanas, em especial àquela a que chamamos de “amizade”, está permeada por uma série de atravessamentos que dizem respeito a valores de descartabilidade, quantificação e alta dose de hedonismo, sendo um destes, o desenvolvimento de tecnologias virtuais. O objetivo desse artigo é debater essa questão.

2. A Virtualização Relacional

Bauman descreve que uma das formas a partir da qual é possível visualizar a fragilização dos vínculos são as relações virtuais. A principal mudança é descrita por Bauman (1999, p.22-23), ao pontuar que



as visões tradicionais de ação muitas vezes recorrem a metáforas orgânicas para suas alusões: o conflito era cara a cara, o combate corpo a corpo; a justiça era olho por olho, dente por dente; a discussão encarniçada, a solidariedade ombro a ombro, a comunidade face a face, a amizade de braço dado e a mudança passo a passo.

Essa situação mudou enormemente com o avanço dos meios que permitiram afastar os conflitos, solidariedades, combates, debates e a administração da justiça para além do alcance do olho ou do braço humanos.

O autor pontua que em tal forma vincular é estabelecido um novo parâmetro ético que não é pautado pela proximidade e contato sensorial imediato em relação ao outro. Conforme explica, se a construção da moralidade implica na proximidade da relação com o outro, isto fica prejudicado quando são investigadas as trocas simbólicas realizadas na realidade virtual. Dessa forma, “[...] ao aumentar a distância, a responsabilidade pelo outro se vai consumindo e as dimensões morais do objeto se borram até que chegam ao ponto de fuga em que desaparecem das vistas” (2006, p.224).

Em outras palavras, quanto mais distante estiver o outro maior a dificuldade de estabelecimento de vínculo, chegando até à situação em que as possibilidades de trocas tornam praticamente impossíveis. Dessa forma, nos tempos atuais, através do desenvolvimento de novas tecnologias, construímos formas de diminuir a distância entre as pessoas, facilitando o acesso e contato de uns com os outros.

Para exemplificar os efeitos do processo indicado acima, o autor (2011a) aponta que o mundo líquido-moderno possui uma dupla forma de se relacionar com a realidade que pode ser descrita a partir do par “*online-offline*”. O primeiro termo indica a condição de “estar dentro da rede” e, por consequência, ser capaz, na mesma velocidade, de sair dela. Esse é um dos grandes atrativos das relações virtuais - que favorecem ligar-se e desligar-se ao outro sem riscos.

Estar “*online*” permite o gerenciamento das relações de forma a propiciar um aumento de ganhos em menor tempo, colocando em segundo plano os possíveis desprazeres inerentes aos contatos caracterizadas pela maior intensidade e proximidade e que por sua vez, implicam envolvimento com maior período de tempo. Conforme indica Bauman (2010a, p.67), “[...] relações virtuais são equipadas com a tecla ‘delete’ e com ‘antispam’, mecanismos que protegem das consequências incômodas (e sobretudo dispendiosas em termos de tempo) das interações mais profundas”.

Isso leva à constituição de um indivíduo concebido em um mundo próprio, alheio à ambivalência presente nas relações com outros seres humanos. Esta posição narcísica funciona como propulsão ao fechamento em si mesmo e que retroalimenta as fragilidades relacionais.

No mundo on-line, as complicadas traduções, negociações e compromissos podem, no entanto, ser evitados, pela graça salvadora da tecla “delete”. A necessidade de se estabelecer um diálogo, refletir sobre os motivos um do outro, de analisar e revisar criticamente suas próprias razões, e de buscar um *modus vivendi*, poderá ser suspensa e adiada - talvez indefinidamente (BAUMAN, 2010b, p.216).

Assim sendo, “[...] fazer contato com o olhar, reconhecendo a proximidade física de outro ser humano, parece perda de tempo: sinaliza a necessidade de gastar uma parcela do tempo precioso, mas horrivelmente escasso em mergulhos profundos [...]” (BAUMAN, 2011a, p.23). Por essa razão, “[...] o que costumava ser confrontado de maneira direta e encarado se transforma cada vez mais num pretexto para romper a comunicação, fugir e queimar pontes atrás de si [...]”. (BAUMAN, 2008, p.153).

Por essa razão, as estratégias possibilitadas pelo mundo *online* tornam-se tão sedutoras e facilmente coloca em questão os desafios encontrados no mundo *offline*:

Para um jovem, o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos que rondam a vida off-line. O mundo *on-line*, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, enfraquecendo os laços, muitas vezes impondo o tempo – em flagrante oposição à sua contrapartida off-line, que, como é sabido, se apoia no esforço continuado de fortalecer os vínculos, limitando severamente o número de contato à medida que eles se ampliam e se aprofundam [...] (BAUMAN, 2011a, p.23).

A realidade virtual parece ter resolvido uma das principais questões da sociedade moderna, isto é, que ao longo do último século foi construída uma engenharia que buscou a criação de “[...] um espaço público onde não devia haver nenhuma proximidade moral [...]” (BAUMAN, 1997, p.98). A maioria dos relacionamentos no mundo digital o nível de envolvimento, troca e consequentemente questionamentos

derivados da proximidade tornam-se exceção ou mesmo encontram-se minimizados. Seria possível, portanto, a partir dos elementos trazidos até o momento dizer que estas relações se configuram como amizade?

Em entrevista, Bauman (2011b, s/p) realiza uma breve descrição do que é chamado de “amizade virtual” e os impactos das redes virtuais para tal tipo de vínculo. Conta que um viciado em Facebook lhe contou, de forma a tentar mostrar alguma vantagem, que havia feito mais de 500 amigos em um único dia de acesso à rede social. O autor então pontua que sua resposta foi que em 86 anos de vida não tinha construído 500 laços de amizade. Por essa razão, afirma que “provavelmente, quando ele diz ‘amigo’ e eu digo ‘amigo’, não estamos querendo dizer a mesma coisa. São coisas diferentes.”.

Assim como a amizade, observa-se que houve uma série de termos que foram transferidos para o mundo *online*, referentes a relações interpessoais e laços sociais (como por exemplo, “contatos”, “encontros”, “reuniões”, “comunicação”, “comunidade”, etc.). Todos ganharam a marca da instantaneidade e a possibilidade de serem apagados, reescritos e refeitos.

Enquanto diagnóstico, o mundo *online* é um **universo sem história**, ou seja, sem elementos que antecedem ao sujeito e tem o seu formato baseado na capacidade de criação de uma perspectiva presente, sem futuro. Por exemplo, isso é completamente diferente da visão clássica de “comunidade” que envolve cada novo indivíduo em processos institucionais que trazem em sua trama valores e conceitos, ou seja, história. Assim, as relações virtuais estão de acordo com o traço episódico da sociedade contemporânea. Segundo Bauman (1997, p.125) isso significa

“[...] não ter nenhuma consequência, pelo menos nenhuma consequência duradoura (isto é, consequência que dure mais tempo que o “obter satisfação”)”.

Assim, a partir dos elementos apontados, observa-se que no mundo contemporâneo há a união desses dois elementos – relacionamento e fluidez - de forma que se confundem. A liquidez da amizade marcada pelos frágeis vínculos forma a base que configurará também as relações fora do mundo virtual. É o que veremos a seguir.

3. Os dilemas de viver com o outro

Vimos até o momento que a inserção e a atuação em diferentes redes sociais virtuais possui uma dimensão sedutora que garante aos viventes do mundo contemporâneo algum nível de segurança. Nesse sentido, no que tange à dimensão da amizade e dos vínculos humanos Bauman (2011b) afirma que “[...] o tipo de amigo do *Facebook*, como eu chamo, está exatamente aí: que é tão fácil se desconectar. É fácil conectar e fazer amigos. Mas o maior atrativo é se desconectar. Imagino que o que você tem não são amigos, *online* [...]”.

Portanto, o que garante a especificidade deste tipo de relação está no fato de que “[...] a proximidade virtual pode ser interrompida, literal e metaforicamente de uma vez, apenas pressionando um botão” (BAUMAN, 2009a, p.88). A característica principal desse tipo de vínculo, “[...] não é tanto *estar em contato*, mas ter a certeza permanente de que podemos *entrar em contato* depressa sempre que necessário ou sempre que se deseje [...]” (BAUMAN, 2011a, p.144, grifo do autor). Assim, “[...] sempre há mais conexões possíveis, e, portanto, não é demasiado importante quanto delas tenham resultado frágeis ou instáveis. Tampouco importa data de vencimento. Cada conexão pode ser de vida curta,

porém seu excesso é indestrutível [...]” (BAUMAN, 2009a, p.84-85).

É possível afirmar que Bauman relaciona a amizade com os vínculos de afeto que ultrapassam a dimensão imediatista, traço característico, porém não exclusivo das redes de relacionamento virtuais, como por exemplo, no mundo dos negócios, na chamada *networking* (ou rede de contatos). Podemos definir, portanto que em tal forma de laço há um tipo de vinculação que é mantida em *standy by*, pronta a ser acessada a qualquer momento se necessária, ao mesmo tempo em que se pode deixar escapar de forma a mantê-la em alerta para o próximo contato.

Outra questão a ser problematizada diz respeito ao fato de que o indivíduo, imerso nesse tipo de relação, não percebe, na maior parte do tempo, as outras possibilidades que existem quanto ao investimento de afeto. O autor pontua que “ligações estabelecidas com a ajuda da internet tendem a ser mais fracas e mais superficiais do que as laboriosamente construídas na vida real, “off-line”. Por isso, elas são menos (se não nada) satisfatórias e menos cobiçadas” (2010b, p.212).

Esse empobrecimento da experiência de alteridade leva à discussão de que as relações virtuais não poderiam ser fechadas em si mesmas, sendo fundamental que os vínculos construídos e mantidos com o outro na dimensão *online*, pela sua condição de fragilidade, precisam ser colocados à prova no mundo *offline*.

Mas o que é entendido por “laços” neste contexto de análise?

[...] Os laços são uma mistura de benção e maldição. Benção porque é realmente muito prazeroso, muito satisfatório ter outro parceiro em quem confiar ou fazer algo por ele ou ela. É um tipo de experiência

indisponível para a amizade no Facebook. [...] Por outro lado, há a maldição, pois quando você entra no laço você espera ficar lá para sempre. Você jura, você faz um juramento: até que a morte nos separe. E o que isso significa? Significa que você empenha o seu futuro. Talvez, amanhã ou no mês que vêm haja outras oportunidades. Agora você não consegue prevêê-las e você não será capaz de pegar essas oportunidades porque está preso a antigos compromissos, a antigas obrigações. Por isso, é uma situação ambivalente e, conseqüentemente, é um fenômeno curioso, uma pessoa solitária numa multidão de solitários. **Estamos todos em uma solidão e numa multidão ao mesmo tempo** (BAUMAN, 2011b, grifo meu).

Assim sendo, quando tomamos como ponto de partida a ambivalência dos laços sociais, não se trata de ir contra as novas tecnologias informacionais ou as redes sociais em seus mais diferentes formatos, mas, sim, problematizar a forma com que estas vêm sendo utilizadas em nosso tempo presente. Isso é fundamental em vista que o panorama que vem sendo construído e mantido no cotidiano da vida contemporânea parece colocar em jogo a própria lógica societária.

Por essa razão, Bauman sugere que nossa sociedade está em estado de sítio: vigiada, controlada e anestesiada, porém, ainda que necessariamente viva. Observa-se que houve uma perda do sentido político dos laços e sua potencialidade de construir e enfrentar questões que atravessam os indivíduos que vivem em contextos comunitários compartilhados.

Segundo o autor, esse contexto faz com que cada um viva de um modo muito particular um dilema: por um lado, precisamos dos outros como o ar que respiramos, ao mesmo tempo, vive-se o

medo de relacionamentos mais profundos que possam imobilizar as escolhas e o mundo que é percebido em permanente movimento. A internalização dessa condição de poder viver a vida fora dos riscos do “mundo real” em direção ao mundo de relações que ultrapassam o corpo a corpo constrói uma nova política de afetos que nos leva a problematizar a importância de laços densos enquanto posicionamento político de resistência frente à homogeneização da virtualidade do mundo líquido-moderno.

Conforme explica Bauman, os laços densos se caracterizam por serem construídos lentamente e mantidos a partir de uma lógica de tempo que ultrapassa o caráter instantâneo. Por essa razão, tornam-se capazes de ultrapassar a demanda de satisfação imediata, o que potencializa prazeres a serem alcançados em longo prazo.

Ainda que em tais laços não estejam ausentes as sensações ambivalentes, através deles é possível sentir o prazer de estar ligado ao outro, o que o autor chama de “prazer dos prazeres”. Afirma que se trata do “[...] prazer de ‘fazer uma diferença’ que não interessa apenas a você. De causar um impacto e deixar sua marca. De sentir-se necessário – e insubstituível [...]” (2009b, p.28).

A proposição relativa à formação e manutenção de laços densos não pode ser entendida em termos de obrigação, o que levaria à sensação de algo penoso a ser realizado pelo indivíduo, elemento frequentemente encontrado nas relações institucionais modernas. Também não pode ser simplesmente compreendido como “estar com o outro”. O autor também aponta que vemos grupos de pessoas que se encontram e realizam ações comuns, o que não significa, porém, que estas relações sejam marcadas por vínculos densos ou mesmo relações de amizade.

Um exemplo disso está no ato de ir às compras. Trata-se de um conjunto de ações que forma na contemporaneidade um modelo para a constituição de grupos de pessoas envolvidas em um ato comum. Porém, o vínculo não se encontra entre as pessoas, mas sim, com o objeto a ser adquirido, o que descaracteriza o sentido de estar com o outro.

Ainda que se tenha uma função importante - alívio à sensação de solidão - “o impulso em direção a uma ‘comunidade de similaridade’ é um sinal de recuo não só da alteridade externa como também de um compromisso com a interação interna, cheia de vida, mas turbulenta, engajada, embora sem dúvida enfadonha” (BAUMAN, 2011a, p.191) exatamente porque deixa em segundo plano o encontro com as diferenças que colocam em movimento processos importantes para a vida humana.

Perde-se a solidão, porém, ganha-se a monotonia, que não está articulada necessariamente apenas com a repetição das atividades e das relações, como também, paradoxalmente, pela própria obrigação de mudar, marca do imperativo ao movimento característico da sociedade atual.

Portanto, quando falamos, a partir de Bauman, de uma comunidade de elementos similares, essa mudança implica a conjunção de movimentos em uma mesma direção. Encontra-se um paradoxo: de um lado, a percepção de que as mudanças são individuais e não coletivas; e de outro, a necessidade de uma mudança coletiva para manter a sensação de que este coletivo funcione como um só indivíduo. Essa é uma das armadilhas da vida em grupo: qual a distância entre o um e o outro capaz de manter o que é próprio de cada um ao mesmo tempo em que se é capaz de construir narrativas coletivas?

Considerações finais

Observamos que a partir das reflexões realizadas, tomando como referência a obra de Zygmunt Bauman, o caminho de busca de resposta para essas questões nos leva à construção de uma ética que não pode ser entendida como descontextualizada em termos de tempo, espaço e cultura.

Dessa forma, justifica-se o necessário entendimento do contexto vivente de forma a compreender de que maneira se dá a formação humana e sob quais elementos ela se encontra alicerçada.

Assim, pontuamos que, no que diz respeito às relações humanas, ao problematizá-las a partir de sua vinculação com o campo virtual, chegamos à necessidade de apostarmos em laços marcados por ampliado nível de densidade. Isso nos leva a pensar na construção de uma política de afetos que abarque necessariamente a dimensão do outro enquanto expressão de alteridade.

Ainda quanto ao debate sobre a amizade, as investigações realizadas apontam para a discussão das formas de vinculação humana. Nesse aspecto, vemos que aquilo que é chamado de “amigo” dentro do campo das relações virtuais não é necessariamente o mesmo conceito tratado por Bauman. Em outras palavras, pode-se afirmar que **há uma especificidade acerca do que é amizade**. Quanto a este ponto, entendemos que Bauman faz uma relação com a esfera do amor e do cuidado que nos remete, por sua vez, de forma retroativa, a problemática da ética e moral, tema a ser trabalhado em trabalho futuro.

Por fim, cabe destacar que ao mesmo tempo em que foi realizado um

diagnóstico referente aos impactos do modo de vida hegemônico no campo das relações humanas, acreditamos no papel que estes mesmos laços possuem para enfrentamento da condição social que vem sendo descrita. Assim, apontamos que a amizade ocupa um lugar importante que potencializa ações singulares em um mundo que parece ir contra a manutenção e complexificação dos laços.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Modernidad y Holocausto**. Madrid: Ediciones Sequitur, 2006.

_____. **Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Amor Líquido: Acerca de la Fragilidad de los Vínculos Humanos**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009a.

_____. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009b.

_____. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010a.

_____. **Vida a Crédito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

_____. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. **Diálogos com Zygmunt Bauman**. Entrevista para a CPFL Cultura e o Seminário Fronteiras do Pensamento. 2011b. Disponível em <http://www.cpfcultura.com.br/2011/08/16/dialogos-com-zygmunt-bauman/>. Acessado em 21 de abril de 2012.

Recebido em 2014-01-10
Publicado em 2014-02-10